18° ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO DE PAISAGISMO EM ESCOLAS DE ARQUITETURA E URBANISMO NO BRASIL

BELO HORIZONTE - MG
11 - 14 / AGOSTO

PAISAGENS EM DIÁLOGOS
TERRITÓRIOS, MEMÓRIAS E NATUREZAS

ENEPEA 2026

LEITURA DA PAISAGEM, PROJETO, REPRESENTAÇÃO E ESPAÇOS LIVRES URBANOS

Uma experiência metodológica em ateliê de paisagismo em diferentes escalas da paisagem

LANDSCAPE READING, PROJECT, REPRESENTATION AND URBAN OPEN SPACES

A methodological studio experience across different landscape scales

COCOZZA, Glauco de Paula
Professor Associado da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e Design | Universidade Federal de Uberlândia | Uberlândia, MG, Brasil | glauco.cocozza@ufu.br | ORCID: 0000-0001-5275-1357

PRADO, Patricia Jeorgina Marques de Faria
Doutoranda Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo | Universidade Federal de Uberlândia | Uberlândia, MG, Brasil | patricia.prado@ufu.br | ORCID: 0000-0002-2323-7196

CARDOSO, Matheus Kristhian
Mestrando Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo | Universidade Federal de Uberlândia | Uberlândia, MG, Brasil | matheus.kcar@ufu.br | ORCID: 0009-0007-0247-9974

RESUMO

Este artigo analisa a experiência metodológica desenvolvida na disciplina de Paisagismo II, do curso de Arquitetura e Urbanismo, ano de 2025. Voltada à escala urbana, a disciplina articula planejamento da paisagem e desenvolvimento de projeto de espaço livre, promovendo a integração de diferentes escalas projetuais. A partir da consolidação de práticas docentes, identificaram-se limitações no processo de ensino-aprendizagem, especialmente na articulação entre leitura territorial, concepção projetual e representação gráfica. Em resposta, implementaram-se duas alterações metodológicas: a adoção de metodologia ativa de caráter reverso, que coloca o estudante no centro da construção do conhecimento, e a redefinição da escala de intervenção, com foco no desenvolvimento de parque urbano associado à revisão das estratégias de representação. O artigo discute os impactos dessas mudanças no aprimoramento do processo projetual no ensino de paisagismo, analisando procedimentos didáticos e resultados. Como principais contribuições destacaram-se o fortalecimento da autonomia discente, a ampliação da leitura da paisagem em várias escalas e o aprofundamento das relações entre projeto, território e maneira de representação.

Palavras-chave: metodologia de ensino; planejamento da paisagem; parque urbano.

ABSTRACT

This article analyzes the methodological experience developed in the Landscape Architecture II course within an Architecture and Urbanism program in 2025. Focused on the urban scale, the course articulates landscape planning and open space design, promoting integration of different design scales. Based on teaching practices's consolidation, limitations were identified in the teaching–learning process, particularly in the articulation between territorial reading, design conception, and graphic representation. In response, two methodological changes were implemented: adoption of reverse active learning approach, which places students at the center of knowledge construction, and redefinition of intervention scale, focusing on the development of urban park project associated with revision of representation strategies. The article discusses impacts of these changes on improving design process in landscape architecture education, analyzing both teaching procedures and outcomes. The main contributions include strengthening of student autonomy, expansion of multiscale landscape reading, and deepening of the relationships between design, territory, modes of representation.

Keywords: methodology; landscape planning; urban park.

1 INTRODUÇÃO

A reflexão sobre o ensino de projeto em Arquitetura e Urbanismo, particularmente no campo do paisagismo, tem sido analisada pela necessidade de responder à complexidade crescente das relações entre cidade, sociedade e ambiente natural. A paisagem, deve ser compreendida como uma construção cultural e processual, na qual se inscrevem dinâmicas ecológicas, práticas sociais e valores simbólicos. Nesse sentido, o ensino de paisagismo demanda abordagens que ultrapassem a dimensão técnica e promovam a construção de uma leitura crítica e situada do território (CAUQUELIN, 2007).

É nesse contexto que se insere o presente artigo, ao discutir uma experiência metodológica desenvolvida no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na disciplina Paisagismo II, no segundo semestre de 2025. A disciplina obrigatória destinada a estudantes do sexto período é voltada à escala urbana, e articula planejamento da paisagem e projeto de espaços livres, com ênfase na compreensão dos sistemas de espaços livres e no papel estruturador que parques e praças desempenham na cidade. Tal abordagem dialoga com a necessidade de compreender o espaço público como campo de disputas, usos e significados, e não apenas como suporte físico de intervenções (ALEX, 2011).

O projeto de estruturação da paisagem através do paisagismo, quando articulado ao espaço público, ultrapassa a dimensão estética e assume o papel estruturador na região. Ele atua na qualificação ambiental, social e simbólica dos territórios, contribuindo para a criação de espaços mais inclusivos, resilientes e sustentáveis.

O paisagismo urbano está diretamente relacionado à maneira como os usuários vivenciam a cidade, colocando-os como protagonistas de seu espaço, atitudes de pertencimento revelam a necessidade e importância desse tipo de projeto para a cidade: influenciando lazer, saúde e identidade cultural. Praças, parques e demais espaços livres não são apenas “vazios urbanos”, mas elementos fundamentais na organização e funcionamento do tecido urbano.

O paisagismo contemporâneo entende o espaço público como infraestrutura urbana essencial, integrando funções ecológicas, sociais e culturais.

A partir de sucessivas ofertas da disciplina, foram identificadas dificuldades recorrentes na articulação entre leitura territorial, projeto de estruturação da paisagem, elaboração conceitual, definição de partido e representação gráfica. Essas questões evidenciam limites de abordagens excessivamente lineares no ensino de projeto, nas quais a análise e a proposição tendem a se dissociar. Diante disso, foram introduzidas alterações metodológicas que buscaram reconfigurar o processo de aprendizagem, enfatizando a construção ativa do conhecimento e a experimentação como dimensões centrais do ateliê.

2 OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo analisar criticamente as alterações metodológicas implementadas na disciplina de Paisagismo, buscando compreender de que maneira essas transformações contribuíram para o desenvolvimento do processo projetual dos estudantes, especialmente no que se refere à leitura da paisagem, à construção de arcabouço teórico e à articulação entre diferentes escalas.

Como objetivos específicos, pretende-se examinar a incorporação de metodologias ativas no ensino de projeto, discutir o papel da análise de referências na formação projetual e avaliar a utilização de novas escalas de projeto, experienciar o formato da utilização do desenho e tratamento a mão livre, sem a utilização de ferramentas digitais no processo de desenvolvimento do projeto.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A compreensão da paisagem como construção cultural implica reconhecer que sua leitura e interpretação não são neutras, mas mediadas por valores, práticas e formas de representação. Cauquelin (2007) destaca que a paisagem é, antes de tudo, uma invenção, uma forma de ver que organiza o mundo visível segundo determinados códigos culturais. Essa perspectiva desloca o projeto paisagístico de uma dimensão meramente técnica para um campo interpretativo, no qual o arquiteto atua como mediador entre diferentes camadas de sentido.
No contexto urbano, a discussão sobre espaços livres ganha relevância ao considerar sua capacidade de estruturar a cidade e qualificar a experiência cotidiana. Tardin (2008) propõe a noção de sistema de espaços livres como uma rede articulada que conecta diferentes escalas e funções, enquanto Macedo (2010) enfatiza o papel dos parques urbanos como elementos estruturadores da paisagem contemporânea brasileira. Nesse sentido, parques e praças não podem ser compreendidos de forma isolada, mas como parte de uma lógica territorial mais ampla.

A dimensão do uso e da apropriação dos espaços públicos é central nessa discussão. Gehl (2013) ressalta que a qualidade dos espaços urbanos está diretamente relacionada à forma como são vividos pelas pessoas, destacando a importância da escala humana e das condições de permanência e convivência. Essa abordagem contribui para deslocar o foco do projeto de uma lógica formal para uma perspectiva centrada na experiência do usuário.

Por outro lado, a relação entre cidade e natureza exige a incorporação de princípios ecológicos no planejamento urbano. Hough (1995) argumenta que a integração entre processos naturais e estrutura urbana é fundamental para a construção de cidades mais resilientes e sustentáveis, enquanto Mostafavi e Doherty (2019) propõem o urbanismo ecológico como campo interdisciplinar capaz de articular questões ambientais, sociais e espaciais.

E importante salientar a questão da forma urbana, discutida por Lynch (1999), que reforça a necessidade da legibilidade e da organização espacial na construção de ambientes urbanos mais compreensíveis e apropriáveis. Essa dimensão dialoga diretamente com a representação gráfica no processo de projeto, entendida não apenas como instrumento de comunicação, mas como parte constitutiva do pensamento projetual.

É nesse horizonte que se insere a contribuição de McHarg (1969), ao propor uma abordagem metodológica em que a intervenção resulta da mediação e da modelagem das diversas camadas que compõem a paisagem, sobretudo por meio do mapeamento e do monitoramento do uso da terra, da hidrografia, da vegetação, entre outros elementos. Para o autor, a identificação dos principais processos físicos e biológicos naturais constitui não apenas um diagnóstico, entendido como instrumento de análise, mas também uma síntese capaz de evidenciar limitações e potencialidades para o uso humano, compreendendo a natureza como processo e valor. Assim,

no âmbito do planejamento da paisagem, articulam-se diferentes cenários, agentes e condicionantes territoriais, bem como o desenho urbano deles resultante, isto é, o projeto.

Na questão metodológica, as metodologias ativas configuram abordagens pedagógicas que reposicionam o estudante de uma condição predominantemente passiva para uma atuação participativa, crítica e autônoma no processo de aprendizagem. Nesse contexto, o discente passa a atuar na problematização, investigação e tomada de decisões, assumindo papel central na construção do conhecimento, enquanto o docente exerce função mediadora. Conforme Berbel (2011), tais metodologias contribuem para o desenvolvimento da autonomia ao estimular a participação, a reflexão e a responsabilização pelo próprio percurso formativo, sendo particularmente pertinentes em práticas pedagógicas que articulam experiência, análise e proposição. Metodologias ativas promovem nos estudantes a participação crítica e a reflexão na construção do conhecimento e na obtenção dos resultados.

4 METODOLOGIA

A estruturação da disciplina articulou a teoria, por meio de aulas expositivas e a prática pela realização de três atividades principais, organizadas de forma sequencial e interdependente. Essa organização teve como objetivo promover uma aproximação gradual entre a escala de análise e o objeto de estudo, evitando a fragmentação entre análise e proposição e incentivando a construção contínua do conhecimento.

Inicialmente, as aulas expositivas foram voltadas à discussão de temas fundamentais, como cidade, natureza, paisagem, e espaços públicos, sobretudo vazios urbanos. A abordagem contemplou, ainda, a compreensão das áreas verdes, da vegetação urbana e da infraestrutura verde, bem como a reflexão acerca do papel dos parques urbanos como elementos estruturadores da cidade contemporânea e de sua relação com a saúde da população.

Na sequência a primeira atividade, o Exercício 01, os alunos foram apresentados à área de intervenção em uma região periférica, com convergência de classes sociais distintas, e com pouca área de lazer no entorno, foi denominado: “Análise da paisagem do Bairro Shopping Park na cidade de Uberlândia (MG) e proposta de um sistema verde para o bairro”.

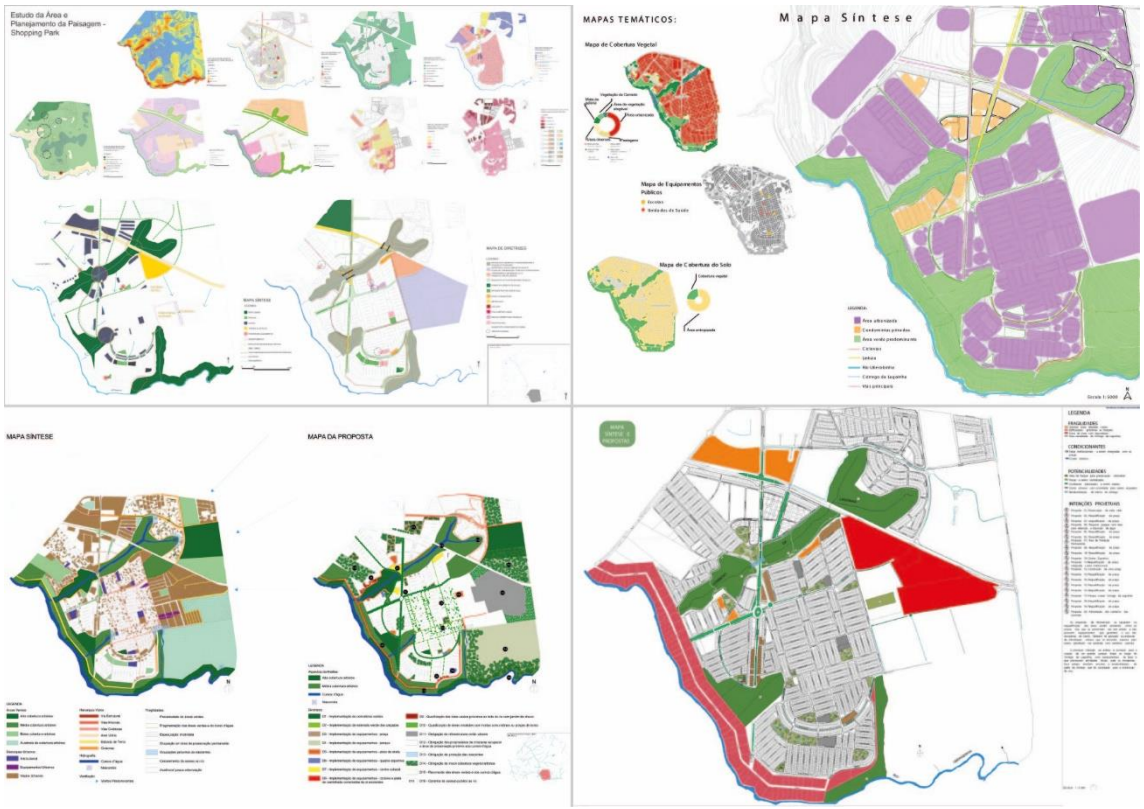
Os estudantes foram organizados em grupos de seis integrantes e realizaram um levantamento detalhado do entorno da área de intervenção: a área proposta e sua inserção urbana, usos, ocupação do solo e altimetria das edificações do entorno, contexto do local, equipamentos comunitários públicos e privados próximos da área, atendimento a mobilidade ativa e passiva, relação de conexões viárias e intraurbana, aspectos culturais, levantamento fotográfico atualizado do local como levantamento das condicionantes ambientais como insolação, ventilação, condicionantes físicas como desenho de vias e quadras, dimensões da área e topografia, resultando na produção de mapas sínteses (Figura 1).

O objetivo desse exercício foi trabalhar na escala da cidade e do bairro para se realizar uma leitura das paisagens e propor um Sistema de Espaços livres através do planejamento da paisagem.

Essa etapa, além de ter envolvido a análise de aspectos físicos, ambientais, sociais e infraestruturais, também houve a identificação de dinâmicas urbanas relevantes. Ao estimular

que os próprios estudantes definissem estratégias de investigação, buscou-se promover uma postura mais ativa e crítica, em oposição a abordagens baseadas na simples reprodução de dados. Cada grupo desenvolveu sua análise crítica, e a avaliação foi através da exposição dos painéis contendo mapas sínteses e debates sobre a problemática encontrada, resultando na apresentação de levantamento prévio de possíveis soluções projetuais em cada grupo.

Figura 1: Colagem Pranchas Apresentação Exercício 01.



Fonte: Autores, 2026.

A segunda atividade, Exercício 02, consistiu na análise de parques urbanos em diferentes contextos, tanto no Brasil, como em outros países, sendo desenvolvida em equipes de três estudantes: cada grupo do exercício anterior se subdividiu em dois grupos. Cada equipe foi responsável por selecionar referências, sistematizar informações e produzir sínteses analíticas apresentadas em pranchas no formato A0. Essas pranchas (Figura 2) permaneceram expostas na sala de aula, constituindo um acervo coletivo de consulta permanente. Esse dispositivo metodológico revelou-se particularmente relevante, ao transformar o espaço do ateliê em um ambiente de pesquisa ativa, no qual o repertório é constantemente mobilizado.

Na terceira atividade, Exercício 03, os estudantes retornaram à formação inicial de grupos de seis integrantes para o desenvolvimento de projeto para um Parque Urbano, localizado em um fundo de vale, onde foi realizada a leitura da paisagem no Exercício 01. A dinâmica de toda a produção ocorreu em sala de aula com a orientação dos professores (Figura 3).

Figura 02: Colagem Pranchas Apresentação Exercício 02.



Fonte: Autores, 2026.

Figura 3: Desenvolvimento do Exercício 03.



Fonte: Autores, 2026.

A mudança de escala, de objetivo e de método demandou a articulação entre leitura territorial, repertório projetual e estratégias de intervenção, incorporando também aspectos de acessibilidade, e princípios de sustentabilidade e planejamento ambiental. A ênfase na escala urbana exigiu a consideração simultânea de diferentes níveis de análise, na qual as pré-existências, a relação com o entorno urbano, a vegetação existente, o curso d'água e a dinâmica da paisagem, foram determinantes para lançar as diretrizes do projeto.

A escala escolhida foi 1:750, e por ser um funde vale linear, optou-se que o projeto seria feito em uma única folha de 3,5 x 1 metros, gerando uma grande folha linear para desenvolvimento em sala de aula. O que se viu foram quatro semanas de desenvolvimento intensivo em sala de aula (Figura 2), na qual estudantes trabalharam em conjunto, desenhando a mão livre o projeto os espaços do parque. A escala de representação e a mão livre foram determinantes para os resultados obtidos na disciplina.

As propostas resultantes de cada grupo foram defendidas em uma apresentação coletiva, produzido debates e variadas interpretações oriundas das análises territoriais.

5 RESULTADOS

A análise do desenvolvimento da disciplina evidencia que as alterações metodológicas introduzidas contribuíram para reconfigurar o processo de aprendizagem, ainda que de forma heterogênea entre os grupos, bem como a adoção de uma lógica mais aberta exigiu dos estudantes maior autonomia, ponto configurado como positivo no processo geral de aprendizado. Esse aspecto evidencia que a transição para metodologias ativas demanda não apenas mudanças estruturais, mas também um processo de adaptação por parte dos discentes.

A atividade de análise de referências, mediada pela produção e exposição das pranchas, mostrou-se particularmente potente na construção de repertório. A permanência dos materiais produzidos no espaço do ateliê favoreceu sua apropriação contínua, permitindo que os estudantes estabelecessem relações entre diferentes casos e os incorporassem de maneira mais consistente em seus projetos (Figura 04). Esse processo contribuiu para evitar soluções genéricas e estimular respostas mais contextualizadas.

No que se refere à escala do projeto, a escolha do parque urbano ampliou significativamente a complexidade das propostas, exigindo a articulação entre dimensões ambientais, sociais e espaciais. Conforme apontado por Macedo (2010), os parques urbanos operam como elementos estruturadores da paisagem, o que implica a necessidade de uma abordagem integrada. Observou-se que essa mudança contribuiu para o aprofundamento das discussões e para o desenvolvimento de propostas mais articuladas, embora persistam desafios na tradução gráfica de conceitos mais abstratos.

Dois desafios foram colocados a prova em uma disciplina de sexto período, desenvolver e apresentar o projeto de um parque a mão livre, e trabalhar quase que exclusivamente em sala de aula, em um grande ateliê de projeto. Houve um avanço significativo em relação aos semestres anteriores, visto que anteriormente os projetos eram desenvolvidos na tela do laptop, cada um no seu computador, com pouca interação entre a equipe. O desenho mais coletivo proporcionou uma outra dimensão ao projeto da paisagem e outra dinâmica para disciplina.

Figura 4: Plantas Baixas Apresentação Exercício 3.



Fonte: Autores, 2026.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência analisada sugere que o ensino de paisagismo, quando orientado por uma perspectiva processual e crítica, pode constituir um melhor campo para a construção de um pensamento projetual mais articulado e sensível às complexidades contemporâneas. As alterações metodológicas implementadas, ao enfatizarem a construção ativa do conhecimento, a ampliação do repertório e a articulação entre escalas, contribuíram nas práticas consolidadas e abrir novas possibilidades de abordagem.

Entretanto, é importante reconhecer que tais mudanças não se apresentam como soluções universais. Ao contrário, evidenciam a necessidade de um constante ajuste entre autonomia e mediação, entre abertura e orientação. O ensino de projeto, nesse sentido, deve ser compreendido como um campo em permanente construção, no qual diferentes estratégias podem ser experimentadas e avaliadas.

Ao abordar a relação entre escala, representação e espaços livres urbanos, o trabalho reforça a importância de compreender o paisagismo como prática situada, capaz de articular território e leitura da paisagem. Mais do que oferecer respostas definitivas, a experiência aqui relatada busca contribuir para o debate sobre o ensino de projeto, reconhecendo sua dimensão crítica, processual e aberta.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo apoio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEX, Sun. **Projeto da praça: convívio e exclusão no espaço público**. 2. ed. São Paulo: Ed. SENAC, 2011. 291 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520:2023.** Informação e documentação – Citações em documentos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.

BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes**. Semina: Ciências Sociais e Humanas, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011. DOI:10.5433/1679-0383.2011v32n1p25. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/seminasoc/article/view/10326. Acesso em: 20 mar. 2026.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins, [2007]. 196 p.

GEHL, Jan. **Cidades para pessoas**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

HOUGH, Michael. **Naturaleza y ciudad: planificación urbana y procesos ecológicos**. Barcelona: Gustavo Gili, 1995.

LYNCH, Kevin. **A boa forma da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MACEDO, Silvio Soares. **Parques urbanos no Brasil**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2010. 215 p.

MACEDO, Silvio Soares. **São Paulo, paisagem e habitação verticalizada:** os espaços livres como elementos de desenho urbano. 1988. 207 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

MCHARG, I. L. **Design with nature**. New York: American Museum of Natural History, 1969.

MOSTAFAVI, M; DOHERTY , G (org.) **Urbanismo ecológico na América Lana**. São Paulo: Gustavo Gili, 2019.

TABACOW, José (Org.). **Roberto Burle Marx:** arte e paisagem – conferências escolhidas. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

TARDIN, Raquel. **Espaços livres**: sistema e projeto territorial. Rio de Janeiro: Ed. 7 letras, 2008.